

OS MUROS DA FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL: O MATERIAL E O SIMBÓLICO NA CIDADE MÉDIA E NA METRÓPOLE

THE WALLS OF SOCIOESPATIAL FRAGMENTATION: THE MATERIAL AND THE SYMBOLIC IN THE MEDIUM-SIZED CITY AND THE METROPOLIS

LOS MUROS DE LA FRAGMENTACIÓN SOCIOESPACIAL: LO MATERIAL Y LO SIMBÓLICO EN LA CIUDAD MEDIA Y EN LA METRÓPOLIS

// RESUMO

AUTOR

¹ ² Katia Atsumi Nakayama 

² Gustavo Nagib 

FILIAÇÃO INSTITUCIONAL

¹ UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

² UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

E-MAIL

nakayama.katia@gmail.com

gustavo.nagib@unesp.br

DATA DE SUBMISSÃO: 24/02/24

DATA DE APROVAÇÃO: 27/04/26

DOI: 10.12957/GEOUERJ.2026.82273



E-ISSN 1981-9021

ESTE É UM ARTIGO DE ACESSO ABERTO
DISTRIBUÍDO SOB OS TERMOS DA LICENÇA
CREATIVECOMMONS BY-NC-SA 4.0, QUE
PERMITE USO, DISTRIBUIÇÃO E REPRODUÇÃO
PARA FINS NÃO COMERCIAIS, COM A CITAÇÃO
DOS AUTORES E DA FONTE ORIGINAL E SOB
A MESMA LICENÇA.

Neste artigo, objetiva-se aprofundar o debate teórico-analítico no tocante à relação existente entre as representações materiais e simbólicas dos muros em habitats residenciais com o processo de fragmentação socioespacial atualmente em curso, tanto na cidade média quanto na metrópole. Para tal, recorre-se aos seguintes procedimentos metodológicos: observação sistemática em campo, revisão bibliográfica e realização de entrevistas com cidadãos na cidade média de Presidente Prudente (SP) e na metrópole de São Paulo. Muito embora a pesquisa tenha abrangido variadas tipologias habitacionais dos diferentes estratos sociais em ambas as áreas de estudo, priorizam-se, na análise dos habitats populares, os espaços residenciais produzidos por programas habitacionais de interesse social, sendo que, no espaço metropolitano, foram selecionados, especificamente, dois territórios periféricos: Cidade Tiradentes (São Paulo) e Pimentas (Guarulhos). Os resultados demonstram o aprofundamento da diferenciação socioespacial, principalmente no que se refere à dimensão material e simbólica do processo de muramento dos diversos tipos de espaços residenciais em ambos os contextos urbanos. Infere-se, ainda, que os muros são inerentemente contraditórios: se, por um lado, podem constituir um elemento estruturante das edificações e possibilitar uma maior privacidade das pessoas e das famílias, por outro, eles representam uma materialidade que também provoca o apartamento, a diferenciação e a segregação de grupos de cidadãos.

Palavras-chave: fragmentação socioespacial; espaço residencial fechado; muro. cidade média; metrópole.

// ABSTRACT

This article aims to deepen the theoretical-analytical discussion about the relations between the material and symbolic representations of walls in housing habitats and the ongoing process of socio-spatial fragmentation in medium-sized city and metropolis. For this purpose, the main methodological procedures used in this study are: systematic observation in the field; bibliographic review and interviews with citizens in the medium-sized city of Presidente Prudente (SP) and in the metropolis of São Paulo. Even though the research covered a variety of housing typologies from different social strata in both areas of study, priority is given, in the analysis of working-class habitats, to residential spaces produced by social housing projects, and in the metropolitan area, they were selected, specifically, two peripheral territories: Cidade Tiradentes (São Paulo) and Pimentas (Guarulhos). The results demonstrate the deepening of socio-spatial differentiation, mainly about the material and symbolic dimension of the walling process of different types of residential areas in both urban contexts. The study also infers an inherent contradiction in walls: they can constitute a structure element of buildings and allow greater privacy for people, but they can also represent a materiality that provokes the apartment, the differentiation and the segregation of groups of city dwellers.

Keywords: socio-spatial fragmentation; gated community wall; medium-sized city; metropolis.

// RESUMEN

En este artículo se pretende profundizar el debate teórico-analítico en torno a la relación existente entre las representaciones materiales y simbólicas de los muros en los hábitats residenciales y el proceso de fragmentación socioespacial actualmente en curso, tanto en la ciudad intermedia como en la metrópoli. Para ello, se recurrió a los siguientes procedimientos metodológicos: observación sistemática en campo, revisión bibliográfica y realización de entrevistas con habitantes urbanos en la ciudad intermedia de Presidente Prudente (SP) y en la metrópoli de São Paulo. Si bien la investigación abarcó diversas tipologías habitacionales correspondientes a distintos estratos sociales en ambas áreas de estudio, en el análisis de los hábitats populares se priorizan los espacios residenciales producidos por programas de vivienda de interés social. En el espacio metropolitano se seleccionaron específicamente dos territorios periféricos: Cidade Tiradentes (São Paulo) y Pimentas (Guarulhos). Los resultados demuestran una profundización de la diferenciación socioespacial, especialmente en lo que respecta a la dimensión material y simbólica del proceso de amurallamiento de los distintos tipos de espacios residenciales en ambos contextos urbanos. Asimismo, se infiere que los muros son inherentemente contradictorios: sí, por un lado, pueden constituir un elemento estructurante de las edificaciones y posibilitar una mayor privacidad para las personas y las familias, por otro, representan una materialidad que también provoca el aislamiento, la diferenciación y la segregación de distintos grupos de habitantes urbanos.

Palabra Clave: fragmentación socioespacial; espacio residencial cerrado; ciudad intermedia; metrópoli.

INTRODUÇÃO

As transformações intrínsecas ao processo de fragmentação socioespacial (Sposito; Sposito, 2020) na atualidade reorientam as dinâmicas das cidades e as suas lógicas de (re)estruturação. Estas mudanças implicam no acirramento dos processos de segregação e diferenciação socioespacial e na intensificação das complexidades, rupturas e separações nas formas e nos conteúdos do espaço urbano (Legroux, 2021). Neste cenário, elegem-se, como foco de análise, os efeitos materiais e simbólicos do elemento construído delimitador dos espaços fechados, mais especificamente, os muros e as suas utilizações em escalas e *habitats* díspares – das grandes glebas ao lote, na cidade média de Presidente Prudente e na metrópole de São Paulo, bem como em espaços populares ou de média e alta renda.

Desse modo, os muros são aqui observados destacando duas de suas características: a sua precisão material e imagética ao delinear áreas e estabelecer limites, e as implicações subjetivas relativas à sua forma, isto é, a simbologia quanto à sua função de separar, barrar e segmentar (Milani, 2019). A partir desses aspectos, propõe-se ampliar a análise acerca do processo de fragmentação socioespacial e das respectivas rupturas e reestruturações do espaço urbano influenciadas por uma condicionante física e por seus desdobramentos no cotidiano das cidades, através da narrativa dos sujeitos que as habitam. Objetiva-se, assim, aprofundar o debate teórico-analítico no tocante à relação existente entre as representações materiais e simbólicas dos muros residenciais com o processo de fragmentação socioespacial atualmente em curso em cidades brasileiras.

Muros, cercas e paredes, embora possuam variações semânticas em língua portuguesa (em inglês, comparativamente, “wall” pode ser traduzido como “muro” ou “parede”, tal como “mur”, do francês), aqui, tais vocábulos serão considerados, em linhas gerais, como sinônimos. No entanto, há diferentes tipos de muros (cercas ou paredes), erigidos pelas mais diversas civilizações no decorrer do processo histórico.

Tais conjuntos construtivos cumprem funções e levam à constituição de valores materiais e simbólicos muito variados, além de evidenciar a capacidade técnica e a contribuição estética de uma sociedade em um determinado tempo e, por isso, não raramente podem vir a ser considerados patrimônios e objetos de tombamento. Nestes casos, os mesmos muros de outrora vão sendo ressignificados, dadas as atribuições de ordem política, arquitetônica, artística e religiosa que lhes são conferidas em cada período histórico. Muros, portanto, também desvelam as rugosidades do espaço (Santos, 2021a) ao servir de base material a expressões político-artístico-culturais de tempos distintos, revelando histórias, significados que se transformam, protestos que se expressam, manifestações gráficas que se registram (pichações/pixações, grafites, pinturas) etc.

No que se refere à sua especificidade material, os muros fazem parte do conjunto de estruturas básicas feitas de materiais diversos, tais como pedras, madeira, argila, concreto, vidro, arame, grades e plantas vivas. A escolha por um ou mais destes elementos constitutivos dependerá, entre outros fatores, da disponibilidade local de matérias-primas, do baixo grau de manutenção após a materialização do muro, das preferências estéticas ou da particularidade funcional a ser exercida pela edificação.

Dado o atual estágio de desenvolvimento técnico, científico e informacional (Santos, 2004) e o processo de globalização em curso, o muro também adquire funcionalidade e importância virtuais, servindo de barreira, proteção e/ou controle aos fluxos digitais. O *firewall*, por exemplo, é um dispositivo de segurança que controla as informações que entram e saem de determinada rede de computadores. Além de aparato tecnológico à disposição de atores privados, o *firewall* pode ser utilizado por agentes de controle estatal, a fim de estabelecer filtros de acesso (e de censura) a informações e limitar ou regular as interações sociais, especialmente quando incluem sujeitos ou fontes estrangeiras (Marshall, 2021).

A despeito de usos, funções, materiais e dimensões, os muros, antes de tudo, delimitam e demarcam territórios, estabelecendo fronteiras físicas e virtuais (Raffestin, 1993). Isto também implica no fato de que muros evidenciam as contradições dos processos de territorialização: da riqueza e da pobreza; da agregação e da exclusão; reunindo grupos ou apartando-os;

uniformizando um conjunto socioespacial ou estabelecendo diferenciações espaciais amparadas em desigualdades socioeconômicas.

Considerando este amplo espectro tipológico, socioespacial e temporal acerca dos muros, serão analisadas neste artigo, mais especificamente, as materialidades delimitadoras de espaços residenciais fechados (Sposito; Goés, 2013) ou não, a partir das narrativas dos próprios cidadãos, de *habitats* populares e de média e alta renda, e em diferentes contextos urbanos: uma cidade média, a partir do caso de Presidente Prudente, no Oeste Paulista, que possui 225,6 mil habitantes; e a metrópole de São Paulo, onde vivem 20,7 milhões de pessoas (IBGE, 2022). A escolha por estes dois espaços urbanos resulta, complementarmente, da possibilidade de trabalhar com diferentes escalas e contextos urbanos que vêm sendo pesquisados no âmbito de um projeto de pesquisa atualmente em curso¹.

Neste artigo, contudo, não serão analisadas propriamente as especificidades daquelas cidades, tampouco de suas distintas escalas urbanas, mas busca-se tensionar um conjunto de narrativas, oriundas de uma cidade média e de uma metrópole, que revelam, material e simbolicamente, representações semelhantes e contraditórias sobre diferentes *habitats*. Em ambos os contextos, por sua vez, o enfoque analítico-interpretativo partiu de *habitats* populares, com base em pesquisa empírica realizada em bairros ou áreas periféricas de Presidente Prudente e da metrópole de São Paulo, sendo que, nesta última, essencialmente Cidade Tiradentes, no extremo leste da capital paulista, e Pimentas, na zona leste de Guarulhos. Foram priorizados os muros existentes em espaços residenciais produzidos por programas habitacionais de interesse social, muito embora os *habitats* de elite e de classe média tenham sido igualmente considerados para contextualizar a (re)produção de uma tipologia habitacional e construtiva.

Para a elaboração deste texto, utilizou-se material de pesquisa fundamentalmente qualitativo, visto que se recorreu a um conjunto de entrevistas realizadas com cidadãos que residiam nos *habitats* supracitados, cujo roteiro utilizado contemplava perguntas introdutórias para identificar o perfil dos entrevistados e um conjunto de questões sobre diferentes dimensões

¹ Projeto temático "Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: Escalas, vetores, ritmos e formas (FragUrb)" – processo nº 2018/07701-8, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) –, do qual resultam as reflexões trazidas neste texto.

empíricas (habitação, lazer, mobilidade, consumo e trabalho)². Foram entrevistados homens e mulheres entre 18 e 65 anos, aos quais sempre foram atribuídos nomes fictícios, a fim de preservar suas identidades. Os mesmos também autorizaram a gravação das entrevistas, possibilitando posterior transcrição dos trechos de suas falas utilizados neste artigo. Ressalta-se, inclusive, que a possibilidade de analisar a relação material e simbólica entre os muros residenciais e o processo de fragmentação socioespacial emergiu das próprias entrevistas realizadas e das constatações dos pesquisadores mediante suas observações e experiências nos recorrentes trabalhos de campo (Góes et al., 2022).

Além desta introdução e das considerações finais, este artigo possui três seções. A primeira delas refere-se à abordagem teórico-conceitual concernente à lógica de produção de muros residenciais em diferentes contextos urbanos e à fragmentação socioespacial na atualidade, bem como à relação existente entre ambas. Na sequência, debruça-se sobre os dois casos específicos deste texto – Presidente Prudente e a metrópole de São Paulo –, situando e contextualizando os diferentes *habitats* investigados e seus respectivos muros. Finaliza-se, por sua vez, com a análise de excertos de narrativas dos entrevistados, capazes de sintetizar um conjunto de práticas cotidianas que apontam para as dimensões materiais e simbólicas dos muros no atual contexto da lógica socioespacial fragmentária.

CIDADES E MUROS – MAS QUAIS CIDADES E QUAIS MUROS?

Desde os primeiros assentamentos humanos, erguer muros foi necessário para evitar a perda de um rebanho, para estruturar canteiros destinados à prática agrícola e para proteger os primeiros aglomerados de moradias fixas. Há casos em que os muros estão entre os principais testemunhos remanescentes de comunidades ancestrais, em cujas ruínas se encontram inscrições ou manifestações político-culturais do passado (Nery; Baeta, 2022), a exemplo das

² Recorreu-se, aqui, a uma amostragem de 20 entrevistas de um total de cerca de 150 entrevistas realizadas em Presidente Prudente e na metrópole de São Paulo pelo projeto temático FragUrb, mencionado na nota de rodapé anterior. Utilizou-se, igualmente, o roteiro de entrevistas do referido projeto temático.

escavações arqueológicas que permitiram compreender formas e organizações de protocidades neolíticas na Anatólia, como Çatalhöyük (c. 6500 a.C.), ou de cidades na antiga Mesopotâmia (no atual Iraque), a exemplo de Uruk (c. 3000 a.C.).

O muro é uma das primeiras materialidades a despontar do processo de produção da cidade e de composição da paisagem urbana³. Ele indica a geometria da ocupação humana, demarca o território ocupado e delimita-o para uma finalidade específica. Desde a Babilônia (c. 2000 a.C.), o muro finda, assim, por diferenciar uma área de outra: aquela destinada ao cultivo de alimentos daquela reservada à criação de gado; a sala de visitas do quarto de dormir; a propriedade de uma família da propriedade de outra família; a área habitada por pessoas comuns daquela habitada pelos reis e sacerdotes (Benevolo, 2011).

Tais delimitações e distinções estabelecidas por muros (e cercas e paredes) também já implicavam em proteção, isto é, na segurança das produções humanas, das áreas ocupadas e dos objetos de uso cotidiano (de vestimentas a ferramentas de trabalho). Em última instância, a vida humana estaria mais bem resguardada das intempéries e imprevisibilidades do meio natural. Contudo, os muros e demais barreiras físicas, embora inerentes aos assentamentos humanos nos mais variados contextos históricos, ganharam protagonismo no pensamento construtivo contemporâneo e assumiram dimensões simbólicas bastante particulares frente à globalização e ao neoliberalismo em curso. Segundo Marshall (2021), da Segunda Guerra Mundial para cá, mais de um terço dos países existentes no mundo levantaram muros, sendo que a metade deles foi erguida neste século XXI.

Se a burguesia derrubou os muros das cidades medievais para transformar o espaço urbano em um grande mercado (Cunha, 2008) – aqui vale destacar não apenas os mercados enquanto estruturas construídas ou espaços urbanos destinados a compra e venda de mercadorias, mas também o espaço urbano como condição e materialidade para a (re)produção do capital industrial e financeiro, isto é, a cidade em si enquanto um vasto e complexo mercado (Harvey, 2013) –, concomitantemente, novos muros foram gradualmente erigidos no processo de

³ Paisagem aqui entendida “tanto em sua materialidade quanto em sua representação [...] resultante da ação histórica dos homens em interação com a natureza, ou seja, como conformação em câmbio de processos naturais e humanos em um sítio” (Sandeville Jr., 2005, p. 54)

estruturação das cidades modernas, criando diferenciações espaciais baseadas nas novas relações políticas de poder e entre as classes sociais.

Os muros se ressignificam enquanto materialidades do fraturamento socioespacial. Enquanto “os servos somente poderiam obter sua liberdade fugindo da terra do senhor feudal e vivendo dentro dos muros da cidade por um ano e um dia” (Smith, 1988, p. 131), atualmente, “os muros que cercam as propriedades privadas, em seu conjunto, redefinem as formas e os conteúdos da cidade. [...] É uma forma de violência legitimada pelo direito à propriedade fundiária” (Rodrigues, 2014, p. 13).

No decorrer do processo histórico, os muros não são, portanto, apenas um conjunto de formas que modelam a paisagem das cidades, mas possuidores de significados e significantes distintos. Na cidade capitalista, eles constituem a expressão síntese do apartamento imposto pela lógica da propriedade privada, estabelecendo limites materiais e simbólicos no tecido urbano e para a sociedade. A construção de muros é uma decisão primordialmente política, que estabelece o desenho urbano e, mais significativamente, espacializa um determinado princípio de organização social.

Tendo em vista o caso brasileiro e o acelerado processo de urbanização do país, sobretudo a partir da década de 1950, deflagrou-se a lógica centro-periférica de produção do espaço urbano (Kowarick, 1983), culminando em rápido e intenso crescimento horizontal das principais cidades brasileiras, no processo de metropolização e na existência de cidades macrocéfalas (Santos, 2021b). Segundo essa lógica, o centro foi dotado das melhores infraestruturas urbanas e de uma diversidade de serviços e de estabelecimentos comerciais, enquanto as longínquas periferias caracterizavam-se pela precariedade ou inexistência de serviços básicos estatais, comumente associadas a “cidades ou bairros-dormitório” (Nagib, 2023).

Neste modelo de cidade dual, as desigualdades revelaram-se espacialmente óbvias e as diferenças estabeleceram-se no plano socioespacial, visto que a periferia se associou à ideia de pobreza, evidenciando, portanto, um marcador de distinção social. Recai em uma grande parcela das camadas populares, por exemplo, as limitações das políticas habitacionais, os longos deslocamentos diários entre a casa e o trabalho, e a precariedade do transporte público (Villaça,

2001). Ao passo que as materializações do urbanismo rodoviarista, tais como grandes avenidas e rodovias, seguiam dividindo e apartando extensas porções territoriais e, embora justificavam-se tais obras para facilitar o intenso fluxo de pessoas e mercadorias, restringiam a circulação daqueles que não podiam ter acesso ao transporte de uso individual, fraturando, gradualmente, o tecido urbano e reduzindo a interação entre bairros ou distritos (Rolnik, 2022).

Esta lógica, ademais, induziu a uma concepção e representação político-social dos muros como elementos decisivos do elevado grau de segregação verificado nas cidades brasileiras (Caldeira, 2000). Contraditoriamente, os muros também seriam, em muitos casos, mais simbólicos do que propriamente definidores da segmentação territorial, uma vez que, na cidade dual, a distância e as dificuldades de acesso ao centro já evidenciavam as condições urbanas (e de urbanidade) dos diferentes segmentos sociais.

Neste século XXI, por sua vez, ganha proeminência o debate teórico-conceitual acerca da fragmentação socioespacial (Santos, 1990; Vidal, 1995; Prévôt-Schapira, 2001; Sposito; Sposito, 2020), que não invalida a lógica centro-periférica, mas que reconhece uma sobreposição de processos que estão conferindo novas dinâmicas às cidades latino-americanas (Chetry, 2014). Dentre as características desse contexto pós-fordista, destacadamente a partir da década de 1980, figuram a policentralidade, a reprodução de *shopping centers* como espaços privados de consumo e lazer, e a proliferação de espaços residenciais fechados em áreas periurbanas. Assim, o anel periférico vem sendo ressignificado em forma e conteúdo ao ser parcelado para as classes médias e altas que se afastaram das áreas mais centrais, seja em metrópoles (Caldeira, 2000) ou em cidades médias (Sposito; Góes, 2013).

Neste movimento de reestruturação do espaço urbano, que incluem transformações urbanísticas e paisagísticas nas áreas centrais e periféricas, os muros têm se perpetuado como elemento estruturante da cidade sob a fragmentação socioespacial, reforçando limites físicos e simbólicos entre os espaços residenciais, de lazer e de consumo das distintas classes sociais; sendo adornados com uma série de equipamentos de segurança, tais como cercas elétricas, concertinas e câmeras de vigilância; exacerbando as restrições à “livre circulação dos diferentes

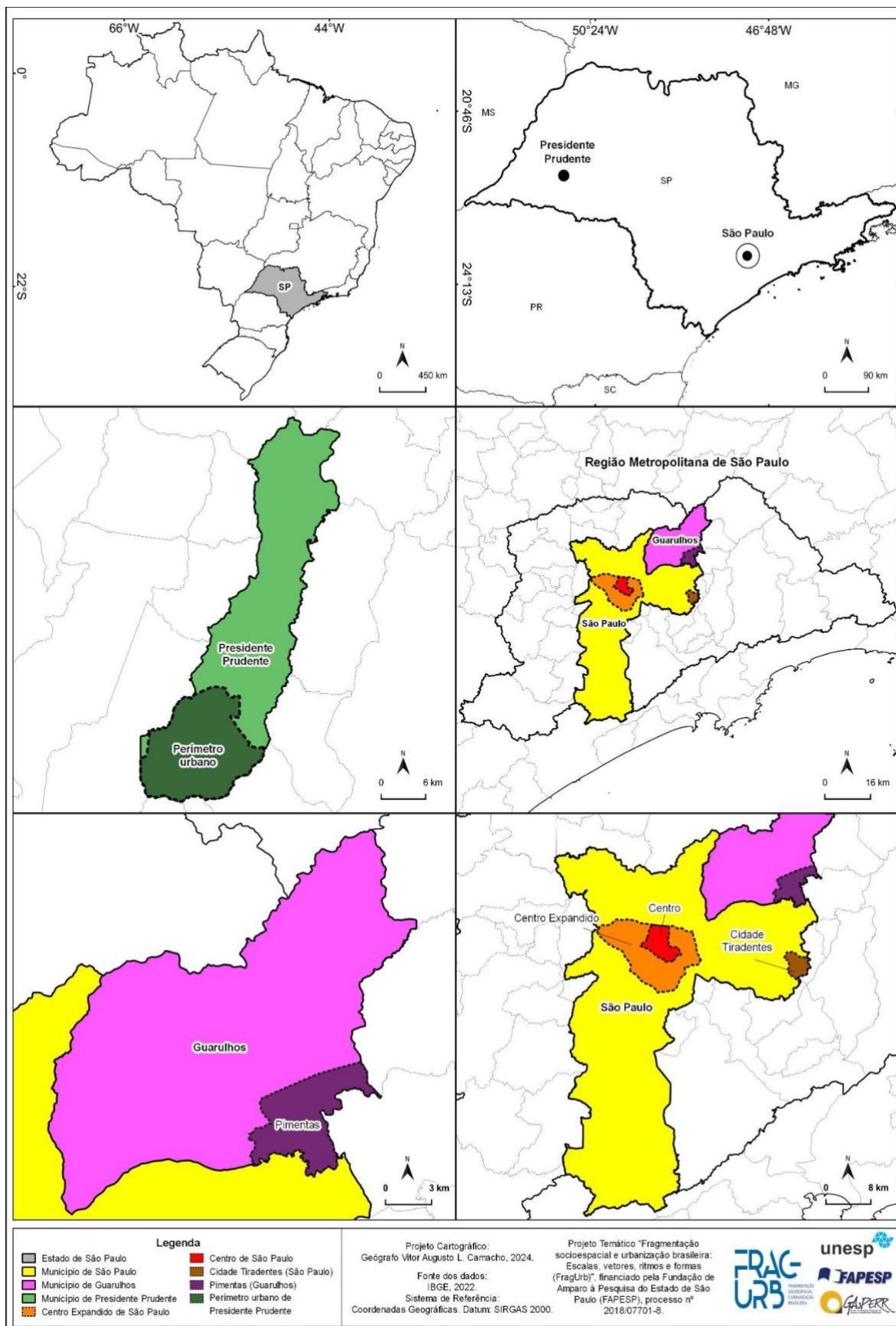
sujeitos sociais no espaço urbano” (Milani, 2019, p. 893); e ratificando, enfim, formas de controle que impedem uma maior convivência cotidiana entre as diferentes classes sociais.

OS MUROS E OS *HABITATS* EM PRESIDENTE PRUDENTE E NA METRÓPOLE DE SÃO PAULO

A partir das concepções anteriormente apresentadas, as representações materiais e simbólicas dos muros serão analisadas, nesta seção, por intermédio das narrativas dos próprios cidadãos, cujos trechos selecionados foram obtidos mediante a realização de entrevistas na cidade média de Presidente Prudente e na metrópole de São Paulo.

O roteiro das entrevistas possuía perguntas abertas que possibilitam dividir esta análise em duas categorias, organizadas de acordo com *habitats* de: a) classe média e alta, aos quais pertencem espaços residenciais horizontais fechados e controlados por sistemas de segurança e bairros tradicionais; e b) habitação popular, os quais englobam aqueles produzidos por políticas e programas habitacionais de interesse social, em espaços residenciais horizontais e verticais fechados, bem como, loteamentos de casas populares. Observa-se que, apesar desta organização proposta em duas categorias, não se ignoram as relações existentes entre elas, de modo a evidenciar convergências, contradições ou a possibilidade de estabelecer correlações. As figuras 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11, a seguir, apresentam os mapas de situação geográfica das cidades estudadas e as fotografias com as diferentes paisagens dos *habitats* supracitados.

Figura 1. Mapa de situação geográfica dos contextos urbanos pesquisados



Fonte: Organizado por [nome do(s) autor(es) do artigo] e projeto cartográfico de Vitor Augusto L. Camacho, 2024.

Figura 2. *Habitat* em espaço residencial horizontal fechado de média e alta renda em Presidente Prudente. Fevereiro de 2023.



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Figura 3. *Habitat* em loteamento de média e alta renda em bairro tradicional em Presidente Prudente. Novembro de 2023.



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Figura 4. *Habitat* popular produzido por programas habitacionais em espaço residencial vertical fechado na cidade de Presidente Prudente. Fevereiro de 2023



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Figura 5. *Habitat* popular produzido por programas habitacionais em loteamento horizontal em Presidente Prudente.



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Figura 6. *Habitat* em espaço residencial horizontal fechado de média e alta renda em São Paulo. Novembro de 2023.



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Figura 7. *Habitat* em loteamento de média e alta renda em bairro tradicional em São Paulo. Dezembro de 2023.



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Figura 8. *Habitat* popular produzido por programas habitacionais em espaço residencial vertical fechado em Cidade Tiradentes. Fevereiro de 2023.



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Figura 9. *Habitat* popular em bairro tradicional em Cidade Tiradentes. Setembro de 2023.



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Figura 10. *Habitat* popular produzido por programas habitacionais em espaço residencial vertical fechado nos Pimentas. Fevereiro de 2023.



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Figura 11. *Habitat* popular em bairro tradicional nos Pimentas. Setembro de 2023.



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

A expansão horizontal e descontínua do tecido urbano prudentino foi bastante significativa a partir da década de 1970 (Góes; Sposito, 2016), baseada no urbanismo rodoviarista e na produção tanto de conjuntos habitacionais populares quanto de espaços residenciais fechados de elite em áreas periféricas distantes do centro, notadamente nas zonas norte, sul e oeste da cidade (Nagib; Nakayama, 2023). Paralelamente, este processo de produção de novos espaços para as diferentes faixas de renda da população tem implicado na edificação de muros altos e

na instalação de sistemas de segurança, que produzem uma transformação radical da paisagem urbana, tal como observado nas fotografias acima.

A metrópole de São Paulo, embora possua outra dimensão espacial, também se associa, no decorrer da segunda metade do século XX, ao intenso crescimento horizontal do conjunto de cidades aglomeradas que estruturam o tecido metropolitano, revelando, ainda, o processo de periferação das classes trabalhadoras (Kowarick, 1983), a exemplo da produção dos extensos conjuntos habitacionais de Cidades Tiradentes, iniciados na década de 1970 pela Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo (COHAB), no extremo leste da capital paulista, e na consolidação dos loteamentos e ocupações populares, muitas vezes ilegais ou irregulares, nos Pimentas, situado na zona leste de Guarulhos e constituinte da periferia metropolitana. A estruturação da maior área metropolitana do país se caracterizou, complementarmente, pela implantação de espaços residenciais fechados para os segmentos de médio e alto poder aquisitivo no anel periférico metropolitano, normalizando uma paisagem urbana semelhantemente caracterizada pela presença de muros altos e de um conjunto de aparatos de vigilância (Caldeira, 2000), igualmente constatados nas fotografias apresentadas – com exceção das figuras 5, 9 e 11, nas demais, pode-se verificar a presença dos muros altos adornados com outros aparatos de segurança, tais como cercas elétricas, concertinas ou câmeras de vigilância.

As desigualdades socioespaciais e a diversidade de paisagens urbanas são maiores no contexto metropolitano, devido à amplitude territorial e à complexidade das relações socioespaciais referentes a esta escala. Em Presidente Prudente, constata-se, porém, que os espaços residenciais fechados de média e alta renda geralmente não fazem limite direto com *habitats* populares, além de estarem territorialmente mais setorizados, concentrando-se sobretudo na zona sul do município. Apesar das particularidades concernentes à lógica de expansão horizontal e de muramento na cidade média e na metrópole estudadas, notam-se semelhanças e repetições de padrões em ambas as escalas urbanas.

Nas fotos 2, 4, 6, 8 e 10, dialogicamente, observa-se a similaridade na forma e na organização da paisagem quanto à perspectiva externa dos muros de espaços residenciais fechados, ainda que representem *habitats* de estratos sociais variados. Especificamente sobre

as imagens 4, 8 e 10, que retratam espaços residenciais verticais fechados produzidos por políticas habitacionais, nota-se, ainda, a similitude material dos muros, exemplificando a padronização arquitetônica e a replicação estética em contextos urbanos diversos, perspectiva a ser aprofundada na próxima seção.

NARRATIVAS E MUROS EM CIDADES SOB A FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL

As representações materiais e simbólicas dos muros podem ser analisadas a partir de um conjunto de narrativas criadas e reproduzidas sobre eles, dentre as quais encontram-se aquelas expressas pelos próprios cidadãos e que estruturam, tanto como revelam, um conjunto de posicionamentos e ideias que moldam suas práticas cotidianas nas cidades onde vivem.

Nesse sentido, as subseções a seguir apresentam a análise direcionada ao que pode ser extraído sobre as representações materiais e simbólicas, contidas nas entrevistas realizadas com cidadãos de *habitats* populares e de média e alta renda sob atual contexto da fragmentação socioespacial. Considerando as desigualdades estruturais da sociedade de classes, o agrupamento das narrativas, aqui proposto, visa a melhor compreender as formas de organização dos espaços residenciais e as suas respectivas contradições, seja na cidade média, seja na metrópole.

Narrativas em *habitats* de média e alta renda: espaços residenciais horizontais fechados e bairros tradicionais

Nas entrevistas realizadas com cidadãos de média e alta renda, averigua-se uma frequente correlação entre “espaços fechados” e “segurança”. Esta constatação pode ser identificada principalmente entre os moradores de espaços residenciais horizontais fechados, nos quais os muros foram frequentemente assimilados à delimitação física de um “espaço seguro”:

Uma melhora, principalmente porque a gente pode andar tranquilo dentro do condomínio qualquer hora do dia sem aquela preocupação, claro que quando sai do condomínio a realidade do muro está

lá fora. [...] No condomínio, não tem esse tipo de problema, você chega na portaria e tem alguém para te receber, é mais seguro, então por questão de segurança mesmo. Eu sempre pensei nisso aí⁴.

[...] Aqui é o paraíso, porque você acorda e os passarinhos estão cantando, já vi tucano aqui na frente de casa... Como é fechado, não tem pessoas andando, estranhos, são só as pessoas de dentro do condomínio. É muito gostoso, eu me sinto segura⁵.

A revisão bibliográfica possibilita aferir que diferentes autores já estabeleceram um paralelo entre este tipo de narrativa e a influência do mercado imobiliário, quando da divulgação de residenciais fechados como um produto dotado de segurança e/ou exclusividade (Blakely; Snyder, 1997; Hidalgo, 2004; Sposito; Góes, 2013), podendo ocasionar distorções no imaginário da população urbana e na concepção urbanística do que é um espaço seguro na cidade. Essas distorções são igualmente capazes de criar uma separação psicológica entre os espaços intra e extramuros, confirmando, a exemplo dos fragmentos de entrevista apresentados anteriormente, uma representação material-metafórica dicotômica, em que a “tranquilidade” pode ser encontrada dentro dos muros, em contraposição à “preocupação” vivenciada do lado de fora (Low, 2003).

Foi igualmente possível observar, nos espaços residenciais fechados voltados à população de média e alta renda, a valorização da infraestrutura, dos equipamentos e dos serviços internos, tendo em vista que o espaço comum de lazer pode ser elencado como um dos “diferenciais” proporcionados por um espaço de moradia “exclusivo”. Contudo, mesmo que os entrevistados mantivessem os discursos sobre este possível “benefício”, despontam contradições em suas afirmações. A maioria dos entrevistados fazia uso pouco frequente dos espaços comuns no interior dos espaços residenciais fechados:

Não [usamos a área de lazer do condomínio] frequentemente, mas vamos dizer, a piscina mesmo não tenho ido muito, umas três, quatro vezes por ano. [...] Por causa do trabalho, falta de tempo, e é costume também, mas a gente já usou, não com frequência, mas já usou. ⁶

4 Diogo, 64 anos, morador do bairro de Interlagos, na zona sul da cidade de São Paulo, trabalha com transporte escolar, entrevista de pesquisa concedida em 14 de abril de 2023.

5 Margarida, 52 anos, moradora de Presidente Prudente, funcionária pública, entrevista de pesquisa concedida em 13 de julho de 2020.

⁶ Diogo, 64 anos, morador do bairro de Interlagos, na zona sul da cidade de São Paulo, trabalha com transporte escolar, entrevista de pesquisa concedida em 14 de abril de 2023.

[Meu condomínio tem] área de lazer, conta com salão de festas, piscina, quadra, pista de caminhada, área verde, pomar, é um condomínio simples, mas bem completo. [...] [Mas] eu não uso a infraestrutura do condomínio [...]. Piscina eu não gosto de usar por privacidade, eu acho que eu não me sinto à vontade. Salão de festas, a mesma coisa, porque como tudo fica tudo elencado e integrado com o espaço verde aberto [...], tem muito fluxo de todos os moradores. Como é um espaço aberto e é direito de todos [os condôminos usá-los], acabo não tendo privacidade, então é por isso [que não os utilizo]⁷.

Retomando outro aspecto da associação entre muramento e segurança, especificamente no contexto prudentino, evidencia-se, ainda, outro aspecto contraditório. Em consonância com o que já foi apontado por Sposito e Góes (2013) em pesquisa realizada em cidades médias paulistas, também foi possível aferir que residentes de espaços residenciais fechados de média e alta renda, embora vinculem suas escolhas em viver nesta tipologia de *habitat* devido à segurança que lhes é proporcionada, não consideravam Presidente Prudente insegura:

Não [acho Presidente Prudente insegura]. [...] Eu tenho a minha filha de 15 anos, já faz muito tempo que eu não me relaciono com ninguém, porque eu vi tanta coisa ruim com relação a crianças, filhos e tal⁸, que eu tenho medo, mas as minhas irmãs que moram ali no centro, elas tiveram muito poucos eventos de violência [...]. Então, assim, eu acho que é muito pessoal meu, pelo meu universo. [...] Mas eu não acho que ela [Presidente Prudente] seja tão violenta assim, eu sofri muito pouco, experiências disso são muito poucas. Teve um dia que eu estava na porta da casa da minha irmã, um cara parou uma moto e eu fiquei com medo que ele fosse mexer com a minha filha, que fosse mexer comigo, efetivamente aconteceu alguma coisa? Não, mas eu... então, eu estou sempre ligada, atendida, com receio, falo para as minhas irmãs se cuidarem, porque elas abrem o portão à noite, mas a gente não teve nada assim na minha família que “nossa, já sofreu violência, já entrou na casa e fez alguma coisa”, não, muito pouco, quase inexistente⁹.

Este tipo de narrativa faz alusão tanto à segmentação do espaço urbano ocasionada pelos espaços residenciais fechados quanto aos paradoxos inerentes à percepção de segurança. Com a justificativa de garantir a proteção de seus habitantes, os espaços residenciais murados e controlados por sistemas de vigilância podem ocasionar, segundo Blakely e Snyder (1997), uma tensão combinada entre formas de uso e ocupação do solo urbano e de segregação e exclusão socioeconômica, acentuando, inclusive, o processo de diferenciação socioespacial. Aliás, os próprios espaços residenciais fechados diferem entre si, pois reproduzem padrões e tipologias

⁷ João Vitor, 31 anos, morador de Presidente Prudente, arquiteto, entrevista de pesquisa concedida em 5 de abril de 2022.

⁸ Neste trecho de sua fala, a entrevistada faz referência à sua atividade profissional como funcionária pública do Fórum Cível e Criminal de Presidente Prudente, onde tem contato cotidiano com relatos e processos criminais.

⁹ Margarida, 52 anos, moradora de Presidente Prudente, funcionária pública, entrevista de pesquisa concedida em 13 de julho de 2020.

habitacionais variáveis, que dependem do perfil socioeconômico dos grupos de cidadãos (de média ou alta renda) para os quais são ofertados:

Tem pessoas que se sentirão seguras e preferirão um condomínio como esse, mas acho que as pessoas exageram um pouco no sentimento de insegurança, sabe? Porque, assim, são condomínios pequenos, de casas pequenas, às vezes, do tamanho de um apartamento. Fora dali, você encontra uma casa de rua, mais agradável. Acho que as pessoas, por medo talvez da insegurança, acabam deixando de morar em um lugar que talvez fosse mais confortável, para morar em um lugar onde se sintam seguras¹⁰.

Complementarmente, algumas falas de cidadãos de bairros tradicionais – que, portanto, residem do lado “de fora” dos espaços residenciais horizontais fechados – também deixam transparecer um tipo de posicionamento favorável ao modo vida intramuros, demonstrando a permanência de uma representação simbólica dos espaços fechados como lugar seguro e a manifestação de um desejo em poder habitá-los:

Eu acho bem interessante porque tem mais segurança, né? Eu tenho amigos que moram em região de condomínio, e, por exemplo, quem gosta de morar em casa se sente mais seguro. Hoje em dia, eu não gostaria de morar em casa em bairro [tradicional], por exemplo. Quando você quer morar em casa é porque casa é maior, você tem um quintal, ainda mais quando você tem um pet, tem garagem maior, mas também casa fica mais exposta à rua, né? Então, quando você tem uma casa, geralmente dentro de um condomínio, você se sente mais seguro, com uma sensação de morar em um apartamento, até porque um condomínio tem muito mais segurança¹¹.

Ah, eu acho ótimo. Maravilhoso. [...] Moraria, com certeza, moraria, sim¹².

Eu estou terminando de construir, vou me mudar para um condomínio. [...] Eu [pretendo me mudar,] acho que por qualidade de vida, porque, não sei, pode até ser uma ilusão, mas a gente tem aquela falsa sensação de segurança, por estar em um lugar fechado, não precisa ter aquela neura com trancar porta, trancar janelas, você pode ficar mais à vontade. Pode ser ilusório, mas esse é o principal motivo. [...] Eu acho que tem 2 lados [sobre ir morar em condomínio fechado], tem tanto aquela coisa das pessoas que procuram condomínios por *status*, achando que vão aparentar um padrão de vida, que você sabe que lá dentro [...] tem muita gente [...] que está na pindaíba, e está dentro de condomínio, e também tem as pessoas que vão por uma questão de segurança, então tem os 2 lados¹³.

10 Américo, 33 anos, morador do bairro da Bela Vista, na zona central da cidade de São Paulo, sociólogo e demógrafo, entrevista de pesquisa concedida em 29 de março de 2022.

11 Cléber, 31 anos, morador do bairro do Jardim Paulista, zona oeste da cidade de São Paulo, analista financeiro, entrevista de pesquisa concedida em 30 de março de 2022.

12 Elenice, 70 anos, moradora do bairro da Pompeia, na zona oeste da cidade de São Paulo, economista, entrevista de pesquisa concedida em 27 de março de 2023.

13 Viviane, advogada, moradora de Presidente Prudente, advogada, entrevista de pesquisa concedida em 14 de julho de 2020.

Apesar das residências em bairros tradicionais de média e alta renda também apresentarem muros altos, placas que indicam a vigilância feita por empresas privadas de monitoramento e aparatos de segurança, a exemplo de cercas elétricas, câmeras e concertinas (figuras 3 e 7), também há posicionamentos mais críticos sobre o modo de vida associado aos espaços residenciais fechados ou sobre o muramento ostensivo que compõe a paisagem de muitos bairros tradicionais:

Eu acho que morar confinado não dá certo, e você fica meio restrito só ali, você está numa bolha. Eu vou virar saudosista, falando “meus filhos brincavam na rua”... mas eu não gosto, eu acho que é uma tendência por motivo de segurança [...] ¹⁴.

Eu acho que o condomínio segrega a cidade, [...] existem espaços que as pessoas não podem entrar. O condomínio particular, para mim, seria um “feudozinho 2.0”. Por exemplo, a rua que eu moro é de uso público, no entanto, os moradores daqui botaram um portão fechando a rua, autorizado pela prefeitura, porque tem uma lei que autoriza o fechamento de ruas públicas. Só que a nossa rua não pode ser fechada, porque ela tem quatro metros de largura total, e quatro metros é a medida mágica [...] para acesso de serviço de emergência. Nós tivemos um problema aqui nos fios de alta tensão, bem na frente de casa, e a [companhia de energia elétrica] não conseguia entrar para fazer o reparo, porque o portão [que fecha a rua] estreita [...] de quatro metros para dois metros e meio, então não entra veículo de emergência. Eu não sei o que as pessoas têm na cabeça, mas enfim, eu estou numa briga, eu fiquei dois anos, praticamente, denunciando para a subprefeitura, sem nenhuma resposta, tentei conseguir o processo que autorizou o fechamento da rua, porque é ilegal esse fechamento, não pode. A própria lei fala que, se impedir a entrada de veículos de emergência, [a rua] não pode ser fechada. É a coisa mais lógica do mundo [...]. Eu estou há dois anos denunciando para a subprefeitura de Pinheiros [bairro tradicional da zona oeste da cidade de São Paulo], [ela] não atende, aí, eu entrei no Ministério Público com denúncia, eles instauraram um inquérito, mas estou esperando aqui para ver o que acontece ¹⁵.

Eu estou achando que estamos voltando à época dos feudos, a elite enclausurada e o povo fora, o que eu vejo é isso, a gente está voltando naquela época da Idade Média, onde tinha as cidades que eram muradas, onde tinha os castelos. Porque, hoje, se a gente analisar bem o Brasil, a gente vive em uma guerra urbana, então as pessoas procuram ao máximo se proteger. Mas eu acho que é uma segurança falsa, porque se os bandidos tiverem a intenção de entrar em um condomínio desses, eles vão entrar, não vai ter o que os impeça [...] ¹⁶.

Na próxima subseção, apresenta-se, comparativamente, a análise acerca dos *habitats* populares que foram produzidos em decorrência de programas habitacionais. Em

¹⁴ Priscila, 65 anos, moradora do bairro da Mooca, na zona leste da cidade de São Paulo, auxiliar de escritório aposentada, entrevista de pesquisa concedida em 12 de abril de 2020.

¹⁵ Flávia, 70 anos, moradora do bairro de Pinheiros, na zona oeste da cidade de São Paulo, aposentada da Caixa Econômica Federal, entrevista de pesquisa concedida em 27 de março de 2023.

¹⁶ Miguel, 60 anos, morador de Presidente Prudente, engenheiro cartográfico aposentado, entrevista de pesquisa concedida em 4 de agosto de 2020.

caráter complementar às narrativas dos *habitats* de média e alta renda aqui selecionadas, buscar-se-á contextualizar as representações simbólicas e materiais dos muros frente à (re)produção do espaço popular (Nagib; Nakayama, 2023).

Narrativas em *habitats* populares produzidos por programas habitacionais

Na seleção de entrevistas em *habitats* populares, priorizou-se, nesta análise, aquelas realizadas em implantações oriundas de programas habitacionais, considerando-se tanto a tipologia dos espaços residenciais verticais fechados quanto dos loteamentos horizontais destinados a construções de unidades unifamiliares. Contudo, para o caso da metrópole de São Paulo, devido à complexidade da morfologia habitacional encontrada nas áreas de estudo, também foram consideradas as narrativas obtidas em bairros tradicionais consolidados nos territórios periféricos de Cidade Tiradentes e dos Pimentas.

Nos espaços residenciais populares de Presidente Prudente, constatou-se que os muros eram frequentemente identificados pelos moradores como elemento de proteção contra a violência urbana. Esta correlação é similar nas entrevistas realizadas nos *habitats* de média e alta renda no município, mesmo quando consideradas as diferenças existentes quanto às condições de acesso à moradia entre as classes trabalhadoras e as classes de alto e médio poder aquisitivo, bem como a segregação socioespacial imposta às camadas da população de renda mais baixa (Sposito, 1983; Nagib; Nakayama, 2023):

[...] Nós subimos um pouco o muro porque estavam acontecendo alguns roubos. [...] Nós moramos ao lado do Ginásio de Esportes, e o ginásio é um lugar que evidencia muito a falta de saúde pública. Então, às vezes, acaba aglomerando moradores de rua, e a rampa do ginásio vira um local muito forte de uso de drogas. [...] Em casa, a gente acabou sofrendo alguns roubos e nós subimos o muro [...]. Já roubaram um passarinho nosso, por esse muro que nós tivemos que subir, entrando pela casa da vizinha [...], já tentaram assaltar o carro na garagem, mas ultimamente vem sendo muito tranquilo, só que teve uma época que eram um pouco mais intensas essas tentativas¹⁷.

Ela [a casa] veio sem nada, ela só veio com um muro bem baixo e um portãozinho, a gente teve que aumentar o muro, trocar o portão que era bem frágil, o portão era bem perigoso. [...] [Atualmente,]

¹⁷ Elizete, 21 anos, moradora de Presidente Prudente, estudante de Geografia, entrevista de pesquisa concedida em 12 de abril de 2020.

tem muro alto, tem cerca [elétrica], tem cachorro grande. [...] De fora para dentro, ninguém vê, e nem de dentro para fora, não dá para ver nada¹⁸.

[...] Então, quando eu me mudei, eu já mudei. Ouvi uma galera falando um monte de coisas, de como era perigoso e não sei o quê, então, na mesma semana da mudança, eu já ergui o muro e coloquei um sistema de câmeras na casa. Mas também nunca passei por nada lá no bairro, então talvez eu tenha sido mais influenciado pela galera a ter medo do que necessariamente pela realidade¹⁹.

Em Presidente Prudente, a reprodução desse tipo de discurso reforça as mesmas contradições mencionadas na subseção precedente, referente aos segmentos de média e alta renda, considerando que o muro também se sobressai material e simbolicamente como uma suposta garantia de segurança aos habitantes dos espaços populares, mesmo estes não identificando, em seus depoimentos, a cidade como violenta:

Eu acho que Presidente Prudente é uma cidade segura, muito segura, porque eu morei na capital e [lá] era uma cidade insegura, tudo muito longe, tudo muito perigoso, você [...] tem que andar com a bolsa segurando. Eu não tenho medo de ser roubada aqui. Aqui, a gente anda tranquilo na rua, você anda com a sua carteira normal na mão, ninguém sai te roubando do nada. Eu acho aqui muito seguro, eu acho Prudente, em si, uma cidade segura²⁰.

Nunca passei por nada em Prudente. Não posso julgar Prudente como insegura. Lógico que vai ter [algum tipo de criminalidade], mas a galera se assusta muito. Acho que é tudo muito proporcional. Assusta muito mais a galera falar de homicídio aqui por ser uma cidade pequena [em comparação à metrópole], por ter toda uma repercussão. [...] Em São Paulo, isso é uma “segunda-feira” qualquer, mas é pelo tamanho da população. Então, eu não acho que o que acontece aqui é tão absurdo. Eu acho que está dentro da normalidade. Nunca passei por nada de [violento]. Eu não considero [a cidade violenta]²¹.

Em Cidade Tiradentes e Pimentas, por sua vez, embora muros altos e demais aparatos e sistemas de segurança sejam elementos evidentemente presentes na paisagem urbana, as narrativas sobre a violência ou a insegurança não costumam reproduzir estereótipos e estigmas atribuídos a esta periferia da metrópole de São Paulo (Cruz; Legroux, 2023; Nagib, 2023), mas os desconstroem, apresentando uma reflexão mais ampla a respeito da vida cotidiana na metrópole ou mesmo do atual contexto brasileiro:

18 Maria Luiza, 32 anos, moradora de Presidente Prudente, técnica em enfermagem, entrevista de pesquisa concedida em 20 de março de 2022.

19 Ítalo, 33 anos, morador de Presidente Prudente, servidor público, entrevista de pesquisa concedida em 6 de dezembro de 2022.

20 Maria Luiza, 32 anos, moradora de Presidente Prudente, técnica em enfermagem, entrevista de pesquisa concedida em 20 de março de 2022.

21 Ítalo, 33 anos, morador de Presidente Prudente, servidor público, entrevista de pesquisa concedida em 6 de dezembro de 2022.

Inseguro? Depende do seu posicionamento, do que você faz no bairro, como você entra nos lugares. Eu entro nos alojamentos e favelas que tem aqui tranquila, respeitando todo mundo, não tem o menor problema. E eu não ando por aí de madrugada, correndo risco, como eu correria em qualquer lugar que eu estivesse. Eu não estou na Suíça, então acho que a sua postura, o respeito que você tem pelo outro, não se meter onde não é chamada e por aí vai... Acho que é o Brasil, essa segurança que não tem no Brasil. Mas quando ouço falar “fulano morreu”, eu fico até abismada, porque não vejo nada disso em Cidade Tiradentes, eu não tenho esse tipo de amizade, eu construí um ninho de amizades que não são envolvidas [com violência], a maioria são artistas, músicos, poetas, então não tenho essa base, essa informação, na verdade²².

Então eu não tenho medo, nesse ponto eu não tenho medo, eu sei que as pessoas sabem que eu moro aqui [nos Pimentas, em Guarulhos], que eu trabalho aqui, eu tenho mais medo de São Paulo. Eu tenho mais medo de parar no semáforo em São Paulo. Eu não tenho carro, mas quando eu estou de *Uber* ou com uma amiga, [...] eu tenho mais medo de ser assaltada em São Paulo. Eu acho São Paulo muito mais violento do que aqui, por incrível que pareça²³.

[...] O prédio aqui é equipado com câmeras, os portões são automáticos, para entrar na escada, é automático. Se você não tiver o *ticket* de acesso, aquela “bolachinha”, você não entra. Muitos aceitam, outros não, mas acho que é para todos, pela segurança. [...] Eu acho estranho, na verdade, porque fui uma criança criada no interior, e o interior é aberto, as crianças ficavam na rua. Mas, hoje, nos tornamos presos na nossa casa, nós mesmos colocamos uma grande restrição, é isso o que eu acho. É estranho, mas, infelizmente, é a cultura de hoje, ela vai mudando. [...] Então eu não me sinto insegura aqui, mas não posso dizer que é 100% seguro, porque nenhum lugar é²⁴.

Nos trechos supracitados, há a ruptura, portanto, da simbologia mais corriqueira do muro enquanto componente definidor de um espaço residencial “seguro”, tendo em vista a normalização, ao mesmo tempo, de um imaginário e de uma condição real de insegurança e violência que seriam inerentes à metrópole. Destaca-se, ainda, uma dissonância sobre a função dos muros e demais aparatos de segurança, os quais estariam mais relacionados à construção simbólica e mercadológica de segurança do que à real superação do estado de insegurança, associando-se, portanto, a uma falsa impressão de solução do problema da violência urbana, o que Souza (2008) denominou como “escapismo” ou “pseudossolução”. Neste sentido, de acordo com um entrevistado da metrópole de São Paulo:

²² Ludmila, 47 anos, moradora de Cidade Tiradentes, na cidade de São Paulo, jornalista, entrevista de pesquisa concedida em 30 de julho de 2020.

²³ Edilene, 41 anos, moradora dos Pimentas, na cidade de Guarulhos, economista, entrevista de pesquisa concedida em 26 de março de 2022.

²⁴ Maria Alice, 45 anos, moradora de Cidade Tiradentes, na cidade de São Paulo, agente escolar, entrevista de pesquisa concedida em 12 de abril de 2020.

O mercado da segurança coloca muito medo nas pessoas e, aí, elas vão e optam por viver nesse tipo de comunidade, que tem cerca, câmeras, segurança. E, aqui, também houve isso, nos Pimentas, também houve. Tem uma parte daqui [dos Pimentas] que é mais sofisticada, que é mais organizada, mais estruturada. [...] Eu acho que é muito mais para alimentar o mercado da segurança. [...] Cria segregações dentro da própria periferia, dentro dos próprios bairros²⁵.

No que se refere às casas (auto)construídas em bairros tradicionais e às moradias produzidas por programas habitacionais em loteamentos horizontais, em que as unidades foram entregues sem muros, isto é, apenas com as respectivas delimitações dos lotes com as habitações unifamiliares, constatou-se que, tanto na cidade média quanto na metrópole, a maioria das casas populares havia sido delimitada por muros altos, quase sempre cobrindo integralmente as suas fachadas (rever figuras 5, 9 e 11).

Nestes loteamentos populares, os muros e os portões compunham as estruturas visivelmente oriundas das modificações feitas pelos moradores locais. Em alguns casos, os muros das casas apresentavam sistemas de vigilância e monitoramento. Além da delimitação territorial da propriedade, tais materialidades também eram justificadas devido à sensação de insegurança:

Aí, eu cheguei, nós chegamos. Nós nos mudamos para cá, sem nada. Estava pagando aluguel, pagando o quê? Pagar 40 contos numa casinha, aí, mudei para cá. Aí, fiz o muro, fiz o muro do fundo, fiz esse [da frente]... Aqui, fiz [o muro] com os vizinhos, aqui, só o dos fundos que eu fiz sozinho. O pessoal ali não tinha condição, eu falei: “não, eu faço”. Aí, o cara só ajudou na mão de obra. Fiz o muro da frente, já fechei, demorou um ano para pôr o portão. Aí, vim fazer as reformas [...]. Básico, da casa, que já vai para 10 anos que tem a casa. Tem que mexer no piso, que já está soltando algumas peças. Com esse tempo, eu fiz um salãozinho, aqui no fundo, para eu trabalhar também, sem rebocar, sem nada. [...] Ah, o muro, ele representa uma segurança melhor, não é? Eu tenho três filhas mulheres. Você está entendendo? Como você vai sair para trabalhar e ficar com a cabeça vendo que a sua casa... se é num condomínio, é outra coisa, mas aqui... [até] dentro do condomínio é perigoso ²⁶

[...] Quando nós chegamos aqui, tudo era maravilhoso, pensa nas casas todas sem muro, nenhuma casa tinha muro, entregaram aqui os embriões, não havia muros entre as casas, não havia muro entre os prédios. As pessoas andavam livremente entre as casas, até que, é claro, começaram a colocar muros, delimitar cada um com sua propriedade [...] e hoje, é tudo murado, mas o que acontece é devido às ocorrências de crimes. A pessoa vê a roupa roubada no varal, [...] entraram na casa [dela], então os muros vão ser sempre cada vez mais altos mesmo, e o valor em se morar em

25 Claudinei, 38 anos, morador dos Pimentas, na cidade de Guarulhos, professor de Filosofia no Ensino Médio, entrevista de pesquisa concedida em 19 de abril de 2022.

26 Pedro, 39 anos, morador de Presidente Prudente, marceneiro, entrevista de pesquisa concedida em 20 de janeiro de 2023.

um condomínio fechado [devido a esta] insegurança, acaba ganhando um valor, uma outra dimensão²⁷.

Dessa forma, a configuração da paisagem é definida pelos muros altos que se transformaram na fachada do lote e esconderam as casas em seu interior. Ademais, os muros criam diferenças a fim de permitir a identificação estética de cada residência. Observa-se que estas diferenças se materializam para dar distinção às casas dos espaços marcados pela homogeneização estética, além de evidenciar possíveis relações de poder e hierarquizações por intermédio dos materiais, cores, ornamentos, e até mesmo aparatos de vigilância, que compõem a estrutura física de cada muro.

Verifica-se, nestes contextos, que a transformação da paisagem por meio dos muros se assemelha ao que já foi apresentado por Caldeira (2000, p. 294), na qual “[...] a segurança faz parte de qualquer projeto, [...] a linguagem do isolamento e distanciamento sociais está se tornando cada vez mais explícita e se espalha pela cidade”. A relação do muro como configuração de fachada e elemento de poder relaciona-se, simultaneamente, ao que a autora define como “estética da segurança”, isto é:

No nível mais elementar, uma casa isolada com todos os sinais de distinção definitivamente marca a distância entre uma casa e um cortiço ou uma favela. No entanto, são possíveis comparações mais extensas porque os moradores de São Paulo de todas as classes sociais são fluentes no novo código de distinção. Naturalmente, as variações são enormes entre bairros ricos e pobres, mas em todos eles quanto mais ostensivamente segura e cercada é a propriedade, maior seu *status*. (Caldeira, 2000, p. 297.)

A partir das questões de classe e de distinção socioespacial mencionadas pela referida autora, evidencia-se a segregação imposta a conjuntos residenciais produzidos por programas habitacionais, que, além de serem caracterizados pela frequente localização longeva em relação ao centro das cidades e pela evidente homogeneização arquitetônica e da paisagem urbana, são justapostos a um modo de produção do espaço que replica a ideologia da (in)segurança, identificada não apenas nos *habitats* de média e alta renda, como também nos *habitats* populares.

27 Hélio, 56 anos, morador de Cidade Tiradentes, na cidade de São Paulo, jornalista, entrevista de pesquisa concedida em 26 de fevereiro de 2022.

Apesar das narrativas oriundas de *habitats* populares revelarem contradições igualmente presentes nos *habitats* de classe média e alta, há cidadãos que apresentam questionamentos mais críticos quanto aos muros e demais aparatos de segurança, identificando-os como elementos de delimitação que intensificam as formas de segregação. De acordo com Corrêa (1989), por fim, essa forma de produção do espaço finda por acentuar os processos de desigualdade, reforçando os conflitos referentes à privatização do espaço e os privilégios que uma classe possui em detrimento de outras, aspectos, estes, bem situados nas narrativas a seguir:

Na verdade, quando se coloca muros altos em volta da sua casa ou do conjunto, você quer se isolar das pessoas, essa é a visão real, porque ninguém vai para um condomínio fechado por... eu não vejo outra razão que não seja se distanciar. Se cria um enclave. Quando a gente fala de condomínios de alto padrão, nossa, ali é um poço social, eu acho que, quem vai para um condomínio fechado de alto padrão, quer se isolar do resto da população. Isso aí é um preconceito, mas eu acho que é um preconceito que tem fundamento, tem fundamento em relação a quem vai, porque eu acho que quem vai, vai com essa intenção mesmo de se isolar do povo, ou medida de segurança, ou seja o que for, mas tem um preconceito muito forte por trás dessa opção pelo condomínio fechado²⁸.

Você me perguntou se sou contra as grades, eu sou contra tudo que é para essa elite se esconder do que acontece... eles acham que, colocando um muro enorme, vão estar se protegendo, mas eles se esquecem que, uma hora, eles saem de lá²⁹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os muros são intrinsecamente contraditórios: eles permitem a existência das casas, a privacidade das pessoas e das famílias, ao mesmo tempo em que aparta, diferencia e segrega. No meio urbano, eles claramente efetivam tanto a privacidade (coletivizada) quanto formas de diferenciação e segregação, resignificando e reordenando a cidade, que é um espaço essencialmente coletivo. Sob o capitalismo, a banalização da propriedade privada vulgarizou a reprodução de muros, concebidos como materialidades indispensáveis à grande maioria das construções urbanas, na qual a segurança da propriedade é imediatamente associada à existência ou inexistência de muros.

²⁸ Marcelino, 57 anos, morador de Presidente Prudente, bancário aposentado, entrevista de pesquisa concedida em 25 de junho de 2020.

²⁹ Ludmila, 47 anos, moradora de Cidade Tiradentes, na cidade de São Paulo, jornalista, entrevista de pesquisa concedida em 30 de julho de 2020.

Seja em Presidente Prudente ou na metrópole de São Paulo, o muro é uma obviedade edificada que serve, primeiramente, à delimitação da propriedade privada, mas que, ao demarcá-la, revela-se elemento material e simbólico de diferenciação socioespacial, isto é, os conjuntos construtivos evidenciam os espaços das diferentes classes sociais, devidamente delineados por extensões de variados tipos e categorias de muros.

A partir da análise do conjunto de narrativas aqui apresentada, depreende-se que as percepções dos cidadãos sobre os muros, tanto em *habitats* de média e alta renda quanto em *habitats* populares, na cidade média e na metrópole, estão frequentemente associadas à delimitação de um espaço privado e à sua respectiva proteção, mas que, complementarmente, reforçam contradições referentes à busca por segurança, privacidade e/ou exclusividade. Reconhecendo-se a emergência da lógica socioespacial fragmentária nos dois contextos pesquisados, as narrativas indicam que os muros também criam barreiras, limites e divisões físicas e simbólicas no espaço urbano e entre grupos sociais, evidenciando, nas paisagens urbanas, as diferentes tipologias e condições habitacionais dos distintos estratos de renda da população e, conseqüentemente, o aprofundamento da desigualdade socioespacial.

Foi possível constatar, ainda, que embora haja uma repetição das representações materiais e simbólicas sobre os muros nos diferentes estratos sociais, nos *habitats* populares, a identificação dos cidadãos com o espaço edificado é menor, devido à padronização arquitetônica e à alta densidade das unidades habitacionais produzidas pelos programas estatais. Conseqüentemente, os muros tornam-se, nestes bairros de moradia popular, um elemento não apenas de diferenciação socioespacial, mas também de distinção estética entre residências vizinhas, isto é, uma forma de se criar uma identidade visual em meio a uma paisagem caracterizada pela homogeneização arquitetônica.

Por fim, no atual contexto da fragmentação socioespacial, os muros reconfiguram o tecido urbano e as práticas cotidianas dos cidadãos na medida em que se tornam uma expressão material e simbólica de um conjunto de processos simultâneos que afetam com bastante evidência as formas de habitar a cidade – seja a cidade média (Presidente Prudente), ou a metrópole de São Paulo.

Nos *habitats* investigados no escopo deste artigo, os muros resultaram em redefinições das paisagens urbanas e do modo como os cidadãos se relacionam com os espaços vizinhos, ressaltando a dicotomia entre o que está “dentro” e o que “fora” do território residencial, e reforçando, mesmo que inconscientemente, discursos e práticas de diferenciação socioespacial.

AGRADECIMENTOS

O artigo resulta do pós-doutoramento que os autores realizam com supervisão da Prof.^a Dr.^a Maria Encarnação Beltrão Sposito (Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente – FCT, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP). Processo nº 2022/08290-7, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e UNESP Câmpus de Presidente Prudente, pós-doutorado n. 4656.

REFERÊNCIAS

- BENEVOLO, L. **História da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BLAKELY E. J.; SNYDER, M. G. **Fortress America: gated communities in the United States**. Washington D.C. & Cambridge: Brooklyn Institute Press & Lincoln Institute of Land Policy, 1997.
- CALDEIRA, T. P. R. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.
- CHETRY, M. Os conceitos da metrópole latino-americana contemporânea, **Revista Eletrônica de Estudos Urbanos e Regionais (e-metropolis)**, Rio de Janeiro, n. 16, p. 61-67, 2014. Disponível em: <<http://emetropolis.net/artigo/125?name=os-conceitos-da-metropole-latino-americana-contemporanea-o-exemplo-da-fragmentacao-socioespacial>>. Acesso em: 18 out. 2023.
- CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.
- CRUZ, T. S.; LEGROUX, J. Estigma territorial e diferenciações socioespaciais da/na periferia: o caso do Pimentas (Guarulhos-SP). **Terra Livre**, [S. l.], v. 2, n. 59, 396-435, 2023.
- CUNHA, É. J. R. **A natureza do espaço urbano: formação e transformação de territórios na cidade contemporânea**. 2008 Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- DAL POZZO, C. F. **Fragmentação socioespacial em cidades médias paulistas: os territórios do consumo segmentado de Ribeirão Preto e Presidente Prudente**. 2015. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2015.
- GÓES, E. M.; SPOSITO, M. E. B. Práticas espaciais, cotidiano e espaço público: o consumo como eixo da análise do calçadão de Presidente Prudente-SP. **Revista da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE)**. Universidade Estadual de Goiás, v. 12, n. 19, p. 39-65, 2016.
- GÓES, E. M.; SPOSITO, M. E. B.; MILANI, P. H.; CATALÃO, I.; MAGRINI, M. A. O.; SANTOS, R. R.; SOUZA, M. V. M. Entrevistas com cidadãos: perspectivas para a análise das práticas espaciais sob a lógica fragmentária. In: GÓES, E. M.; MELAZZO, E. S. (Org.) **Metodologia de pesquisa em**

estudos urbanos: procedimentos, instrumentos e operacionalização. Rio de Janeiro: Consequência, 2022.

HARVEY, D. **Os limites do capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

HIDALGO, R. De los pequeños condominios a la ciudad vallada: las urbanizaciones cerradas y la nueva geografía social en Santiago de Chile (1990-2000). **Eure**, v. 30, n. 91, p. 29-52, Santiago do Chile, 2004.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Panorama Censo 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama>. Acesso em: 26 dez. 2023.

KOWARICK, L. **A espoliação urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

LEGROUX, J. A lógica urbana fragmentária: delimitar o conceito de fragmentação socioespacial. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 22, n. 81, p. 235–248, 2021.

LOW, S. **Behind the gates: life, security, and the pursuit of happiness in fortress America**. Nova York: Routledge, 2003.

MARSHALL, T. **A era dos muros: por que vivemos em um mundo dividido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

MILANI, P. H. *Os muros mantêm aquilo que você quer fora mesmo: a produção da diferenciação socioespacial em cidades não metropolitanas*. **Anais do XVI SIMPURB**, Vitória, 2019, p. 892-909. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/simpurb2019/article/view/25976>>. Acesso em: 4 jan. 2024.

NAGIB, G. Fragmentação socioespacial na Região Metropolitana de São Paulo: uma introdução à análise das práticas cotidianas de mobilidade e consumo em Cidade Tiradentes (São Paulo) e Pimentas (Guarulhos), **Anais do XX ENANPUR**, Belém, 2023, s.p. Disponível em: <<https://anpur.org.br/anais-xxenanpur/sessoes-tematicas-sts>>. Acesso em: 18 out. 2023.

NAGIB, G.; NAKAYAMA, K. A. A (re)produção do espaço popular sob a lógica socioespacial fragmentária: o caso de Presidente Prudente-SP. **PerCursos**, Florianópolis, v. 24, p. 1-28, 2023.

NERY, J. C.; BAETA, R.E. **Entre o restauro e a recriação: reflexões sobre intervenções em preexistências arquitetônicas e urbanas**. Salvador: EDUFBA, 2022.

- PRÉVÔT-SCHAPIRA, M.-F. Fragmentación espacial y social: conceptos y realidades, **Perfiles Latinoamericanos**, Cidade do México, v. 9, n. 19, p. 33-56, 2001.
- RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- RODRIGUES, A. M. Propriedade fundiária urbana e controle socioespacial urbano, **Scripta Nova**, Barcelona, v. 18, n. 493, 2014.
- ROLNIK, R. **São Paulo: o planejamento da desigualdade**. São Paulo: Fósforo, 2022.
- SANDEVILLE JR., E. Paisagem, **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, n. 20, p. 47-60, 2005.
- SANTOS, M. **Metrópole corporativa fragmentada: o caso de São Paulo**. São Paulo: Nobel, 1990.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2004.
- SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo: Edusp, 2021a.
- SANTOS, M. **A urbanização desigual**. São Paulo: Edusp, 2021b.
- SMITH, N. **Desenvolvimento desigual**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- SOUZA, M. L. **Fobópolis: o medo generalizado e a militarização da questão urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- SPOSITO, E. S.; SPOSITO, M. E. B. Fragmentação socioespacial, **Mercator**, Fortaleza, v. 19, p. 1-13, 2020.
- SPOSITO, M. E. B. **O chão em Presidente Prudente: a lógica da expansão territorial urbana**. 1983. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1983.
- SPOSITO, M. E. B.; GÓES, E. M. **Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial**. São Paulo: UNESP, 2013.
- VIDAL, L. Les mots de la ville au Brésil. Un exemple: la notion de "fragmentation". **Cahiers des Amériques Latines**, Paris, n. 18, 1995, p. 161-181.
- VILLAÇA, F. **Espaço intraurbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 2001.